

A epifania da linguagem

MANUEL ANTÔNIO DE CASTRO
Prof. de Teoria Literária da UFRJ

*A barata diz que tem
sete saias de filó . . .
É mentira da barata:
ela tem é uma só.*

(Cantiga de Roda)

“Corpo Fechado” é um dos nove contos de Sagarana. Faz parte da obra regionalista de Guimarães Rosa, uma das mais importantes de toda a literatura brasileira. Segundo a classificação proposta por Afrânio Coutinho, pertence ao Ciclo Central.¹ Na obra de autores como Guimarães Rosa, o regionalismo não é nem um provincianismo deformante e ufanista, nem um localismo pitoresco e pseudo-realista. Só na aparência sua ficção é exclusivamente regional. Através de um incrível fidelidade aos temas, costumes, tipos, personagens e linguajar regional, a ficção artístico-mágica de Guimarães Rosa conduz todo esse mundo regional para uma dimensão universal. Neste caso, o pitoresco, tão importante na arte literária regionalista, resulta da identificação completa do escritor (no que diz e como diz) com seu meio, ao qual se prende não só pela sensibilidade como pela inteligência. É este o grande desafio que o escritor regionalista enfrenta. O literário articula-se na integração do singular e do universal, isto é, vê um homem em seu meio, mas também vê o homem, um ser que por suas reações mais profundas se irmana inevitavelmente aos outros seres.

A experiência documentária de Guimarães Rosa, a observação da vida sertaneja, a paixão pela coisa e o nome da coisa, a ca-

Obs. Este estudo faz parte de uma série de quatro ensaios intitulados *Travessia Poética*. Sairão em breve pela Tempo Brasileiro.

*pacidade de entrar na psicologia do rústico – tudo se transformou em significado universal graças à invenção, que subtrai o livro da matriz regional, para fazê-lo exprimir os grandes lugares comuns, sem os quais a arte não sobrevive: dor, júbilo, ódio, amor, morte, para cuja órbita nos arrasta a cada instante . . .*²

Guimarães Rosa é tanto mais universal quanto mais regionalista. Apenas, como um novo canto encantatório de sereia, quando imaginamos que ele nos está conduzindo pelo sertão dos “Gerais”, sem nos darmos conta, estamos de fato nas imensuráveis malhas do Ser-tão.

No intuito de surpreender a dimensão universal em “Corpo Fechado”, teremos uma abordagem sob três pontos de vista, a que chamamos leituras ou simplesmente uma leitura poética. Por que leitura? A resposta desta questão é outra pergunta: Que é ler? Eis uma pergunta que merece ser pensada. Nunca tantos homens aprenderam a ler e nunca se leu tanto. Sem pretender ver todas as facetas do problema, pois não é a hora nem a vez, tão somente ressaltaríamos que ler, em sentido radical, é um exercício existencial, identifica-se com a capacidade de nomear. Toda leitura autêntica é um nomear, por isso a crítica, que deve ser uma dimensão radical do ler, é criação.

A leitura da realidade ficcional

A primeira leitura é o contato com a estória em seu enredo, em sua realidade ficcional. É a leitura da maioria dos leitores: uma leitura ao nível dos fatos.

Em “Corpo Fechado”, Laginha, pequeno arraial, é o espaço da estória. O narrador é o doutor do local, recém-chegado, e a personagem central é Manuel Fulô.

O narrador, numa tomada de consciência explícita da estória e a partir de certo momento, repete uma frase idêntica, mas imprimindo um ritmo progressivo e verticalizando o envolvimento das personagens, sobretudo a principal: Manuel Fulô.

O conto está dividido em quatro partes bem distintas mais a conclusão. A primeira começa com um longo diálogo entre o doutor e Manuel Fulô. É a conversa em torno dos valentões que sucessivamente dominaram Laginha. Por um processo de oposição, o narrador nos mostra Manuel Fulô querendo fazer-se passar por valentão. É um sutil e até cômico jôgo de parecer e ser. Apenas um exemplo:

*– Pois o senhor não imagina que, ao depois, o miserável dêse Adejalma, só por medo da minha macheza, me convidou, mais o tropeiro, p’ra beber com êle e fazer companhia? . . . O tropeiro agradeceu e não aceitou, mas eu fui, porque não sou soberbo. . . Pois o senhor não acredita que o canalha foi encomendando despesas, e me elogiando e respeitando, até que eu fiquei assim meio escurecido, e aí êle foi-s’embora e me deixou sòzinho p’ra eu ter de pagar tudo, por perto de uns quatro mil-réis? . . . É ou não é p’ra uma pessoa correta ter raiva? É ou não é?! . . .*³

E ficamos conhecendo as histórias e o fim de diversos valentões. Manuel Fulô não gosta do valentão que pontifica atualmente em Laginha: Targino. E numa espécie de presentimento, pois em Guimarães Rosa, nenhum detalhe é gratuito, afirma: “Só quem está sobrando mesmo é o Targino. E o castigo demora, mas não falta . . .” (CF, p. 256) Sua preocupação central é afirmar sua valentia imaginária: “O senhor me vê mansinho desse jeito, mas eu fui batizado com água quente.” (CF, p. 256) Os fatos contados mostram o contrário, a mentira em que vive. Com as histórias dos sucessivos valentões, conclui o narrador: “E assim falou Manuel Fulô.” (CF, p. 256) A narração dentro da narração, evidentemente, questiona o narrar.

Na segunda parte, penetramos nos costumes da região. E ficamos sabendo que só podia existir um valentão de cada vez. A seguir destaca o clima de violência que ainda impera em tais regiões e nos descreve a ação dos subvalentões. Colocando-se como objeto da própria narrativa, enuncia um dos aspectos do seu processo criativo, uma procura de apreensão e de fidelidade à realidade tal qual aparece. “Pois foi nesse tempo calamitoso que eu vim para Laginha, de morada, e fui tomando de tudo a devida nota.” (CF, p. 258) Como esperamos demonstrar, essa é apenas uma das facetas do processo criativo de Guimarães Rosa. Segue-se uma rápida descrição do lugar e a apresentação da personagem central, no que ela é. Fisicamente, nada de valentão: “Um sujeito pingadinho, quase menino – “pepino que encorajou desde pequeno” – cara de bobo de fazenda, do segundo tipo.” (CF, p. 260) Pertencia a uma apócrifa e abundante família Véiga, tribo de tropeiros fracassados. Fazia questão, no entanto, de declarar-se filho natural de Nhô Peixoto, o maior negociante do arraial. Alérgico ao trabalho, declarava que “gostaria de saber quem inventou o trabalho, para poder tirar vingança.” (CF, p. 260) Mas gostava de conversar fiado e por isso tornou-se logo amigo do doutor, recém-chegado. Manuel Fulô, seu nome, é híbrido, pois Fulô não é seu sobrenome autêntico. Ele tinha uma besta ruana a que chamava Beija-Fulô. Eram tão inseparáveis que o narrador diz: “Mais do que isso (a besta) era o seu complemento: juntos centaurizavam gloriosamente.” (CF, p. 261) Com isso o autor acentua que eram híbridos no nome: Manuel Fulô, e híbridos no ser: centauro. Embebedado, era sua Beija-Fulô que dele cuidava. “Nem minha mãe não cuidava melhor de mim.” (CF, p. 261) Comprou-a muito cara, embora nhata, isto é, de corpo grande e pés pequenos, desproporcionais, e de maxilas erradas, que a impediam de tosar os talos da última relva seca, já rente à terra, ou de cortar os brotos do capim. Mas continuando o jogo do ser/parecer, gabava-se:

– *Quando eu entro no arraial, amontado na minha mulinha formosa, que custou conto e trezentos na baixa, todos ficam gemendo de raiva de inveja, mas falam baixinho uns p’ra os outros: – “Lá vem Mané Fulô, na sua Beija-Fulô, aferrada dos quatro pés e das mãos também! . . .*

– *E você, Manuel?*

– *Tenho pena dêles . . .* (CF, p. 262)

Era religioso, católico. Chegava sempre atrasado, quando o povo já estava saindo da igreja. Detalhe importante na economia do literário do texto.

Manuel Fulô tinha três desejos: ter uma sela mexicana, para arrear a Beija-Fulô, ser boticário ou chefe de trem. Como não conseguiu realizar nenhum, resolveu casar-se. Inicia-se a terceira parte do conto, diz o narrador: “. . . e aí foi que a história começou.” (CF, p. 262) A circularidade da narrativa, compreendida na sistemática repetição do verbo “começou”, realça a tematização da tensão língua/inguagem. O autor constrói todo o seu mundo imagístico a partir da integração personagem/meio. Exemplificamos somente com a breve apresentação da noiva, a das Dor: “. . . bonita mesmo . . . com sua pele muito clara e os olhos cor de chuchu. . . A bem dizer, eram côr de abóbora-d’água os seus olhos.” (CF, p. 262) Essa integração não é um copiar, um retratar, mas um refletir sobre o poder desrealizador da realidade discursiva literária. Nele naufraga o pseudo-realismo regional e se desvela o real das realidades.

Resolvido a casar, ele e seu amigo, o doutor, foram para a venda comemorar, pois Manuel Fulô gostava de exibir sua amizade. Necessidade de afirmação social. Já animado, depois de umas e outras, contou o caso dos ciganos: Uma vez achou que tinha nascido era para negociar com animal. E queria ser o melhor de todos. “E quem é que é mestre nessa mexida? Não é cigano?” (CF, p. 264) E juntou-se a um bando. Aprendeu suas artimanhas, fez-se passar por bobo e os ciganos, diz ele, gostaram muito dele por isso. Aprendeu a negociar bem cavalos. Manuel Fulô não se tornou um cigano, mas o cigano, isto é: o enganador. Feito o aprendizado, abandonou-os e tornou-se vendedor de animais. Contudo, ficara com raiva dos ciganos por pensarem que ele era bobo. E quis vingar-se. Comprou para isso dois cavalos velhos e acabados. Gastou três meses para disfarçar os defeitos. Pela Semana Santa chegaram os ciganos ao arraial. Encontrou os ex-compenheiros e conseguiu enganá-los. Foi o máximo. Um dia de festa. Mas ficou pobre, comentou. E explicou: ninguém quis mais negociar com ele, pois conseguira enganar até os ciganos. A necessidade de afirmação leva-o a fantasiar este caso. Bebeu mais ainda. E então começou a atacar o Toniquinho das Pedras, assim chamado por causa da profissão de pedreiro, ou Toniquinho das águas, por causa de suas práticas religiosas. “Só sabe é fazer feitiço, vender garrafada de raiz do mato, e rezar reza brava. Tem partes com o porco-sujo . . .” (CF, p. 273) Manuel Fulô devotava-lhe enorme raiva. É que ele tinha uma sela mexicana. Toniquinho queria a besta de Manuel Fulô e este a sela de Toniquinho, para sua Beija-Fulô. O narrador acentua o caráter falador da personagem. “E Manuel Fulô desceu cachoeira, narrando alicantinas.” (CF, p. 275) Mas eis que surgiu Targino na venda, o Valentão dos Valentões. E diz o autor: “E foi então que de fato a história começou.”

Dá início à terceira parte do conto. Targino anunciou peremptório:

– Escuta, Mané Fulô: a coisa é que eu gostei da das Dôr, e venho visitar sua noiva, amanhã. . . Já mandei recado, avisando a ela. . . É um dia só, depois vocês podem se casar. . . Se você ficar quieto, não te faço nada. . . Se não. . . – E Targino, com o indicador da mão direita, deu um tiro mímico no meu pobre amigo, rindo, rindo, com a gelidez de um carrasco mandchú. (CF, p. 275)

Agitou-se o povo lamentando a sorte da moça e de Manuel Fulô. O doutor levou-o para sua casa e tal era seu medo que “. . . se o Manuel quisesse falar, cortava a língua, porque os seus dentes se mastigavam sem pausa.” (CF, p. 276) O doutor tentou convencê-lo a enfrentar Targino, mas o ser agora prevaleceu sobre o parecer e declarou ele: “Qualquer um outro eu escorava mesmo, mas o senhor não sabe que esse Targino é o valentão?! . . .” (CF, p. 277) O doutor deu-lhe mais bebida e ele dormiu. No dia seguinte, de manhã cedo, saiu em busca de auxílio. As três formas tradicionais do poder mostraram-se inoperantes. Do coronel, nada. Do vigário: “o reverendo olhou para cima, com um jeito de virgem nua rojada à arena, e prometeu rezar.” (CF, p. 278) E do subdelegado: pretextando procura de ladrões de cavalos, saiu cedo do arraial. A família Veiga vem ajudá-lo, com bom-senso e conselhos: “A gente esquece o que se deu, e eles casam . . . faz de conta que foi coisa que nem doença . . . É que nem a gente se casar com mulher viúva.” (CF, p. 278).

Segue-se a quarta parte do conto: “Mas, de fato, cartas dadas, a história começa mesmo é aqui.” (CF, p. 279) O acréscimo das palavras “cartas dadas” é a sutil sugestão de que forças extraordinárias se manifestariam: o disposto está maduro para a estruturação definitiva do que ia ser enviado. No auge da confusão surgiu em casa do doutor o Toniquinho das Pedras ou das Águas, o pedreiro-feiticeiro, para falar com o Manuel Fulô, num canto à parte. Depois de muita confabulação reapareceu Toniquinho “muito cínico e sacerdotal, requisitando agulha-e-linha, um prato fundo, cachaça e uma lata com brasas.” (CF, p. 279) E Manuel também apareceu e mandou dar ao Toniquinho a Beija-Fulô, para espanto de todos. Voltaram ambos para o quarto, onde se trancaram. Alguém anunciou a vinda de Targino. Abriu-se a porta do quarto e Manuel Fulô saiu ao encontro de Targino, sem arma de fogo, munido apenas de uma faquinha quase canivete. Diante do temor geral, o Toniquinho explicou: “ – Fechei o corpo dele. Não carece de ter medo, que para arma de fogo eu garanto! . . . ” (CF, p. 280) Os dois se encontraram. Manuel xingou-lhe a mãe e o outro desfechou-lhe cinco tiros. Sem ser atingido por nenhum, Manuel esfaqueou-o e: “Targino girou na perna esquerda ceifando o ar com a direita. Capotou; e desviveu, num átimo.” (CF, p. 281) Há uma visualização da figura tradicional da morte: “ceifando”. Aliás o narrador não fala em morte, mas em “desviver”.

Em conclusão, o autor diz que ele comemorou durante um mês e que foi o último dos valentões, ainda que manso e decorativo, porque um destacamento veio para o arraial. Às vezes pedia emprestada a Beija-Fulô e saía pelo arraial galopando e dando tiros de **mentira** ou de **verdade**.

Leitura da realidade vivencial

Na obra de Guimarães Rosa, a presença do mais simples detalhe tem sua função. A citação inicial sintetiza o tema do conto e nos conduz para uma nova dimensão. Ela coloca o problema da **verdade** e da **mentira**.

**A barata diz que tem
sete saias de filó . . .**

**É mentira da barata:
ela tem é uma só.**

Qual a relação do título “Corpo Fechado” com a verdade e a mentira, com a realidade ficcional do conto? O autor dá vida a sua personagem principal através dos fatos que este narra e diz ter vivido, como vimos na primeira leitura. Manuel Fulô era fraco fisicamente e tinha cara de bobo. “Mas gostava de fechar a cara e roncar voz, todo enfarruscado, para mostrar brabeza, e só por descuido sorria, um sorriso manhoso de dono de hotel.” (CF, p. 260) A personagem tinha, pela sua constituição física e mental, um problema de convivência e afirmação em seu meio social. Notamos que ao problema do falso e do verdadeiro corresponde o problema da vida e da morte. Vejamos como a sociedade em que Manuel Fulô vive é, em um certo nível, também um corpo fechado. No plano dos valores destacam-se a valentia, a honra e a virgindade. A personagem, por uma certa necessidade interna, precisa afirmar-se perante tais valores, sobretudo o da valentia e conseqüentemente o da honra. Não os aceita passivamente. Desprovido das qualidades físicas ou ao menos da posição social, e daí ele atribuir-se uma outra origem e paternidade, lança mão de uma qualidade que lhe é fundamental: falador. Sua força é a palavra. É através desta que se afirma, evitando o choque com a sociedade e assegurando o equilíbrio da convivência. Ele é valentão somente ao nível do parecer, ao nível da palavra. É o que está claramente implícito na primeira parte do conto. Mas a afirmação de sua valentia pela palavra é aparente e, portanto, enganadora, mentirosa. Segue-se a segunda parte do conto, onde o autor acentua o problema da palavra e sua força: dele é símbolo o episódio dos ciganos. Ora, a força de Manuel Fulô é a palavra. E quem mais se destaca nesse campo de manipulação e luta são os ciganos, aqueles que, proverbialmente, melhor sabem enganar os outros através da conversa, da palavra, da aparência, da mentira. Ao tornar-se cigano e, finalmente, ao conseguir enganar, disse ele, três ciganos juntos, é o máximo de glória para ele, o máximo de afirmação. Ninguém mais forte na palavra, no engano. E assim, no seu mundo de ilusão, ele se afirma honradamente. A interpretação simbólica desta passagem sobre os ciganos é reforçada pelo caráter imaginoso e conversador da personagem. Ainda no final dessa segunda parte temos a referência ao Toniquinho das Águas, sua ligação com “o porco-sujo” e ao motivo pelo qual os dois não se dão.

Enunciadas as duas formas de poder, aquela que é socialmente (Targino) e aquela que parece socialmente (Manuel Fulô), o narrador dá início à terceira parte, onde as duas forças vão entrar em choque. Exatamente aquela em que Targino quer desvirginizar das Dor e desafia Manuel Fulô. Este cai num impasse. É que aqui o poder da palavra é insuficiente e inútil. Targino não aceita conversa. Bem que um parente o aconselha a não ligar para o fato de Targino desvirginizar sua noiva. Que encare o fato como algo natural. Mas não adianta, porque o problema não é esse. Se Manuel aceitar tal fato, isso significa sua morte perante a sociedade, na qual se faz passar por valentão. E sua honra acaba. Porém, se não aceita, espera-o igualmente a morte. Esta pior, porque vivencial. O problema da virgindade remete para o problema existencial. Porque a virgindade num primeiro sentido é um fato físico e um valor so-

cial, mas simbolicamente encarado é a condição de possibilidade de toda a vida. Eroticadamente encarado é um problema social, mas do ponto de vista da vida é sua totalidade. É um “corpo fechado”. É esta totalidade que Manuel Fulô não quer perder. Mas quem não quer perder tem de perder-se. E Manuel Fulô o faz. Como? Entendamos outras passagens nas entre-linhas e tudo será um pouco mais claro. É o Toniquinho das Águas que o vem tirar do impasse. Ele é o símbolo de um outro poder, pois como Manuel Fulô dissera, ele tem parte com o “porco-sujo”, isto é, o diabo. O que é diabo? Observemos que Manuel não diz diabo, mas “porco-sujo”, porque diabo é palavra perigosa. Diabo é o que não pode ser dito. Diabo vem do grego e significa a força através da qual (DIÁ) algo é lançado (BO). Enquanto força, não pode ser dito nem conhecido, daí o temor que o cerca, daí ser uma força que transcende o próprio corpo fechado da sociedade. O doutor, sucessivamente, apelou para os poderes da sociedade, os institucionalizados: coronel e subdelegado. O valentão os sobrepuja, porque o que conta é o poder de fato. E a força está com ele, embora também aparentemente, isto é, ao nível do corpo fechado da sociedade. Apelou para o poder religioso, que, por essência, transcende o institucionalizado: a religião católica. Inútil. Esta, enquanto instituição, tornou-se conhecida e inoperante, puramente ornamental, desligada da Vida. Eis porque o autor, ao apresentar Manuel Fulô destacou sua atitude religiosa puramente formal. A força religiosa não institucionalizada, a marginalizada, mas com função vital, é representada por Toniquinho das Águas, o pedreiro-feiticeiro. Por isso, quando o problema é vital, é ele que vai entrar em ação. E “fechará” o corpo de Manuel Fulô, mas exige. Exige dele o quê? A doação de si mesmo. No conto, ele desfaz-se da besta, a sua querida e inseparável Beija-Fulô. Isto significa a doação de si mesmo, pois, como ficou explicitado na primeira leitura, eles centaurizaram em nome e em ser. Que é o centauro senão a reunião total do homem e do ser animal? E assim ao não ser ele, mas o “corpo fechado”, vence a mentira, o parecer, o Valentão. Vence Targino e se afirma. Afirmção pessoal, social, existencial. A leitura vivencial nos mostra o homem enfrentando obstáculos em três níveis. No primeiro vemo-lo inserido numa sociedade, de que faz parte inevitavelmente. Incapaz de corresponder aos valores que a sociedade consagrou e não questiona, entra em choque com eles. Mas acha uma maneira de superar tal obstáculo através da palavra e o equilíbrio e refeito. Porém, há situações em que a palavra é insuficiente, porque ela produz ao nível do parecer. E Guimarães Rosa mostra o homem enfrentando um obstáculo mais radical, perante o qual a palavra é insuficiente: o homem diante da morte. Porque Targino foi taxativo: mataria. E então o homem tem que apelar para a força da própria palavra, de que é símbolo o diabo.

Leitura da realidade discursiva literária

O ser humano vive na tensão de um mundo e de um destino. A sua realização varia no tempo e no espaço. No conto examinado, já vimos que a personagem principal realiza-se pela palavra. Lança mão da palavra para sua afirmação no espaço social onde vive. Ao colocar o problema em tal âmbito, o problema não surge apenas ao nível da personagem, mas remete também para a

posição do próprio escritor. Ele usa o mesmo meio: a palavra. Ele questiona o poder da língua em revelar a verdade, em ser e não parecer. E é por isso que as duas personagens principais se identificam tanto, como o diz expressamente o doutor.

Voltemos agora à quadrinha popular que abre o conto:

**A barata diz que tem
sete saias de filó . . .**

A barata diz . . . e este dizer é verdadeiro?

**É mentira da barata:
ela tem é uma só.**

O dizer da barata não corresponde à verdade. No nível dos fatos ela diz o que julgamos e consideramos verdadeiro. Mas quando o problema é existencial, vital — e a vida “é uma só” — a língua mostra sua insuficiência em manifestar a verdade. É o que o autor procura tematizar no conto, segundo nossa leitura. A personagem, que agora se confunde com o escritor, afirma-se perante os outros sempre através da palavra. É ela sua grande força. Porém, é meramente no plano da língua, do sistema de signos que é valentão, que engana os ciganos, os outros. Vive na aparência do poder da língua. Foi suficiente até um certo nível. Será em todos? É suficiente enquanto aparência e não-verdade: “é mentira da barata.” Contudo, diante da verdade radical, mostra ela sua fragilidade. Advém à luz quando Targino lança seu desafio, um desafio de vida ou morte. Que resta a Manuel Fulô? Está diante do problema radical, e a língua não o pode encobrir, disfarçar. É o próprio escritor que medita seu instrumento de realização e lhe vê a insuficiência. Questiona o signo. Mas esta insuficiência não é radical. Para além da língua, há a sua força, a sua plenitude: a força do que se diz: o corpo fechado, o Diabo, a Virgindade, a Linguagem. Como conseguiu-la? Num pacto.⁴ Um pacto a que muitos poucos se dispõem, pois exige a doação de si mesmo. É o que faz Manuel Fulô: um pacto com o biabo. E já vimos o que é o diabo. Assim, o verdadeiro escritor também participa de um pacto. Não para vencer um valentão, mas para ultrapassar o nível aprisionante da língua, na tentativa de apoderar-se da força da língua: a Linguagem. Na tentativa de apreender a verdade, o que significa apoderar-se da Vida, da virgindade, do Real das realidades. Porém, toda posse compromete a virgindade: deixa de ser corpo fechado. Mas é da posse que nasce a vida.

NOTAS BIBLIOGRÁFICAS

¹COUTINHO, Afrânio. *A Literatura no Brasil*. 2. ed. Rio, Sul Americana, 1969. V. 3, p. 222

²CÂNDIDO, Antônio. In: *Diálogo*, novembro de 1957.

³ROSA, João Guimarães. “Corpo Fechado”. In: *Sagarana*. 9. ed. Rio, José Olympio, 1967, p. 255. Todas as citações desta obra básica são feitas por esta edição, no correr do texto, com a simples indicação das iniciais CF e o número da página.

⁴Sobre o PACTO, conferir: CASTRO, Manuel Antônio de. *O homem provisório no grande Ser-tão*. Rio, Tempo Brasileiro, 1976.